

## Terapia Assistida por Animais: A Experiência dos Enfermeiros com o Uso Desta Prática em um Hospital Oncológico

Fabiane de Amorim Almeida<sup>1</sup>, Audrey Avelar do Nascimento<sup>1</sup>, Adriana Maria Duarte<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein, Brasil. fabi.almeida7@outlook.com;  
audrey\_dedey@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade de Brasília, Brasil. adrianaduarte@unb.br

**Resumo.** Objetivo: Compreender as experiências vivenciadas pelos enfermeiros sobre o uso da terapia assistida por animais (TAA) com crianças hospitalizadas. Método: Pesquisa descritivo-exploratória, de abordagem qualitativa, desenvolvida com 11 enfermeiros de uma instituição que atende crianças e adolescentes com câncer, em São Paulo. Utilizou-se a entrevista semiestruturada para coleta de dados e o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) como estratégia de análise. Resultados: Foram identificados seis DSC, que evidenciam o reconhecimento da importância da TAA no cuidado à criança pelo enfermeiro, que se mostra receptivo a essa prática, assim como o adulto que cuida dela. Ao refletir sobre a inserção da TAA na rotina da unidade, entende ser um diferencial para a instituição, reconhecendo seus benefícios para a criança, família e profissionais, embora alguns enfermeiros discordem. Considerações Finais: A inserção do animal no hospital é uma prática viável, que deve ser estimulada, sendo o papel do enfermeiro primordial na sua promoção.

**Palavras-chave:** Terapia Assistida por Animais; Criança; Criança Hospitalizada; Enfermagem Pediátrica; Humanização da Assistência.

**Animal-assisted therapy: nurses' experience with the use of this practice in a cancer hospital.**

**Abstract.** Objective: Understand the experience lived by nurses about the use of animal-assisted therapy (AAT) with hospitalized children. Method: Descriptive-exploratory survey, with qualitative approach, developed with 11 nurses from an institution for children and teenagers with cancer, in São Paulo. Semi-structured interview was used for data collect and the Discourse of the Collective Subject (DCS) as an analysis strategy. Result: Six DCS were identified, which shows the recognition of the AAT's importance, when used by nurses, to take care of children, in which both show receptiveness to this practice. When reflecting about the insertion of the AAT in the unity's daily basis, it is understood to be a differential for the institution, recognizing its benefits for the child, the parents and the professionals, even though some nurses disagree. Final considerations: The insertion of animals in the hospital is a viable practice, which should be stimulated, being the role of the nurse a crucial factor in its advancement.

**Keywords:** Animal Assisted Therapy; Child; Child, Hospitalized; Pediatric Nursing; Humanization of Assistance.

### 1 Introdução

A relação entre ser humano e animal existe há muito tempo. Os animais despertam o interesse, a atenção e o afeto das pessoas, desde a infância até a velhice, desempenhando papel importante em suas vidas, seja como animais de estimação e companhia ou, ainda, como coterapeuta (Garcia, 2000; Reed, Ferrer, & Villegas, 2012).

A Terapia Assistida por Animais (TAA) é uma estratégia complementar que consiste em uma intervenção direcionada, individualizada e com critérios específicos, na qual o animal é parte integrante no tratamento. Deve ser aplicada e supervisionada por profissionais da saúde devidamente habilitados, podendo ser desenvolvida com qualquer faixa etária e em diversos locais: hospitais, ambulatórios, casas de repouso, clínicas de reabilitação e de fisioterapia, escolas

(Kobayashi, Ushiyama, Fakh, Robles, Carneiro, & Carmagnani, 2009; Silveira, Santos & Linhares, 2011).

Na TAA, o principal elemento é o emprego de animais (cachorros, gatos, coelhos, tartarugas, pássaros, entre outros) com a finalidade terapêutica de auxiliar no tratamento de pacientes. As visitas podem acontecer com a presença de um único animal ou um grupo deles, de espécies diferentes (Garcia, 2000; Silveira et al., 2011).

Os primeiros registros do uso da TAA aconteceram por volta de 1792, na Inglaterra, por William Tuke, empregada no tratamento de doentes mentais. No Brasil, surgiu com a psiquiatra Nise da Silveira, em 1946, quando fundou o Serviço de Terapêutica Ocupacional, no Rio de Janeiro, utilizando gatos como coterapeutas para os pacientes com distúrbios mentais (Juliano & Fioravanti, 2009).

Muitos são os benefícios psicológicos e/ou fisiológicos obtidos por meio da TAA: diminuição da percepção da dor e ansiedade; redução da frequência cardíaca, da pressão arterial, dos níveis de colesterol e do estresse; melhora da coordenação motora e do relacionamento interpessoal, entre outros (Vaccari & Almeida, 2007; Kawakami & Nakano, 2002; Klinger, 2004).

Estudos mostram, ainda, que a presença dos animais no hospital contribui para diminuir o tempo de internação e melhora o humor das equipes médica e de enfermagem (Vaccari & Almeida, 2007). Ao favorecer o desenvolvimento da capacidade de se relacionar com outras pessoas, a TAA reduz o impacto e o estresse gerado pela hospitalização, fazendo com que o paciente colabore mais com o tratamento, principalmente crianças (Vaccari & Almeida, 2007; Bussotti, Leão, Chimentão, & Silva, 2005).

A visita de animais no hospital estabelece um clima de descontração entre os profissionais, crianças e familiares, sendo reconhecida com uma estratégia efetiva de humanização da assistência, estando em consonância com as diretrizes do Programa HumanizaSUS (Picado, El-Khoury, & Streapco, 2007; Azevedo, Santos, Justino, Miranda & Simpson, 2007; Ministério, 2015).

Considerando os benefícios do uso da TAA apontados na literatura, este estudo propõe-se a investigar o impacto desta prática para os profissionais em instituições hospitalares, especialmente, os enfermeiros. Como estes profissionais percebem a presença do animal nas unidades em que atuam e as repercussões desta atividade para a criança, adolescente, familiares e equipe de saúde?

## 2 Objetivo

Compreender a experiência vivenciada pelo enfermeiro em relação ao uso da terapia assistida por animais com crianças e adolescentes hospitalizados na unidade em que atua.

## 3 Método

Trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória, de abordagem qualitativa, realizada em uma instituição não governamental de grande porte, que atende crianças e adolescentes com câncer, no município de São Paulo.

O estudo foi desenvolvido com 11 enfermeiros, selecionados segundo os seguintes critérios: atuar em unidades onde ocorrem visitas de animais (ambulatório de quimioterapia e consultórios médicos), ter presenciado a visita do animal em seu cotidiano e concordar em participar da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, elaborado segundo a Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde (Ministério, 2013).

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada gravada, a fim de possibilitar a sua transcrição literal, sendo agendada no período de trabalho do profissional, conforme sua disponibilidade. Para a entrevista, utilizou-se um roteiro com dados pessoais e profissionais dos entrevistados e três questões norteadoras sobre a sua experiência em relação à TAA.

A coleta dos dados iniciou-se após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Hospital Israelita Albert Einstein e da Universidade Federal de São Paulo (CAAE nº 42378815.3.0000.0071).

Para a análise dos dados, utilizou-se o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), um procedimento de organização de dados discursivos provenientes dos depoimentos verbais, que se fundamenta na teoria da Representação Social (Figueiredo, Chiari, & Goulart, 2013; Lefevre & Lefevre, 2003).

A representação social é um esquema sociocognitivo, por meio do qual as pessoas podem emitir, no seu cotidiano, juízos ou opiniões. Trata-se de uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, de uma realidade comum a um conjunto social (Figueiredo et al., 2013).

A técnica do DSC consiste em: analisar os depoimentos verbais coletados; selecionar as expressões-chave (ECH) de cada discurso, que são trechos literais do discurso que revelam a essência de seu conteúdo; identificar as ideias centrais (IC) de cada uma dessas expressões-chave, nomeando-as de forma simples; identificar as ancoragens que revelam os sentidos presentes em cada uma das respostas; e agrupar as ECH's semelhantes, reorganizando-as por similaridade de sentido para formar um discurso-síntese, construído na primeira pessoa do singular (Figueiredo et al., 2013; Lefevre & Lefevre, 2003; Gondim & Fischer, 2009).

## 4 Resultados

O estudo foi desenvolvido com 11 enfermeiras, com idade entre 25 e 41 anos (média = 31,4 anos). Em relação ao tempo de formação acadêmica, predominou o período de 4 a 6 anos e 11 meses (36%), assim como o tempo de experiência na área oncológica (46%) e de atuação na instituição (46%), sendo que todas possuíam título de especialista da área.

A partir dos relatos das enfermeiras, foram constituídos seis DSCs, apresentados a seguir. Os trechos discursivos referentes a cada um deles serão identificados com a sigla DSC, seguida do número arábico de 1 a 6.

### 4.1 Reconhecendo a importância da TAA no cuidado da criança

Para a enfermeira, o ambiente hospitalar é percebido pela criança como assustador, devido aos procedimentos dolorosos e desconfortáveis realizados, gerando sentimentos negativos. Entretanto, a presença do animal torna o ambiente descontraído, aliviando o estresse infantil.

*"Normalmente consigo perceber a criança ansiosa por estar no hospital e isso acaba gerando certo estresse a ela, trazendo, assim, sentimentos de medo e angústia... Porém, através do trabalho realizado com o cachorro Joe, eu sinto que isso muda... consigo vê-la alegre, entretida, tranquila, distraída e sempre apresentando uma reação positiva" (DSC 1).*

Com a chegada do animal na unidade, a criança parece esquecer todo o seu sofrimento durante a quimioterapia, abandonando a atitude de passividade e passando a interagir intensamente com o animal e as outras crianças à sua volta.

*"Eu entendo que, para ela, é a oportunidade de vivenciar algo diferente e o momento de esquecer algo ruim que esteja acontecendo, como a náusea, o vômito e a dor. Algumas delas, quando estão recebendo a quimioterapia, ficam mais abatidas, desanimadas e preferem ficar no seu cantinho. Mas, na hora que abre a porta do elevador e o Joe sai, uma criança vai chamando a outra e, assim, o recebem como um grande amigo e sempre com muita festa. Apesar da criança já conhecer como que é a visita do Joe, ela quer tirar fotos, quer brincar e quer passa a mão no cão..." (DSC 1).*

Os efeitos da visita do cão são percebidos mesmo após o seu término, principalmente em relação ao comportamento mais relaxado das crianças, que se mostram mais colaborativas.

*"Após a visita do Joe, eu percebo que as crianças ficam mais calmas, tranquilas e colaborativas para situações de punção de cateter ou instalação de quimioterapia, exatamente por ficarem envolvidas e alegres com o que acabaram de vivenciar... Enquanto estão empolgadas, me contando como foi passar a mão, subir e brincar com o Joe, permitem que os procedimentos aconteçam tranquilamente.."* (DSC 1).

#### 4.2 Percebendo a receptividade dos familiares em relação à visita do animal

Inicialmente, na fase de implantação da visita de animais na instituição, os enfermeiros percebiam menor receptividade das famílias quanto à presença do animal na unidade. Entretanto, com o passar do tempo, ao constatarem os benefícios para as crianças, tornavam-se mais favoráveis a esta prática.

*"Há algum tempo, houve resistência por parte de alguns pais em relação à visita do Joe. Porém, hoje, eu não vejo mais. Pelo contrário, os familiares gostam, apoiam e também incentivam que a visita do Joe aconteça... Até sentem falta quando ele não pode vir, justamente por perceberem a boa aceitação dos filhos"* (DSC 2).

Um dos fatores considerado pela enfermeira como importante na maior aceitação da visita dos animais pelos familiares é a sua atuação na abordagem das famílias, esclarecendo dúvidas sobre a TAA.

*"Já pude perceber que, quando passo segurança de como que a visita do cão acontece, que é de forma segura e controlada, os familiares ficam tranquilos e aprovam... que todo tipo de distração e entretenimento para a criança é importante e sempre bem-vinda"* (DSC 2).

Para o profissional, a presença do animal faz com que os pais sintam-se felizes ao constatarem a alegria do filho nesse momento, levando-os a reconhecer esta iniciativa como importante no tratamento e passando a interagir melhor com suas crianças.

*"Eu sinto que os pais ficam felizes com a presença do Joe e com a alegria que ele consegue passar para todos... Em alguns momentos, eu já consegui presenciá-los interagindo através de conversas e, também, da observação de seus filhos, enquanto estão brincando com o cão, compartilhando, assim, as situações parecidas. Os familiares reconhecem que essa proposta do uso do animal para o tratamento da criança é um agregado importante, pois traz alegria e tranquilidade em meio a tantas dificuldades"* (DSC 2).

#### 4.3 Reconhecendo os benefícios da visita do animal também para a equipe de saúde

A visita do animal evidencia-se como algo inovador para o profissional que ainda não vivenciou esta experiência antes. Percebe-se curioso diante do primeiro contato com o animal e surpreendido ao constatar os resultados.

*"Pensar na presença de um cachorro dentro do hospital era muito estranho e eu não acreditava muito. Porém, de tanto ouvir falar do trabalho realizado com o Joe, a minha curiosidade pelo dia da visita se aflorou. E, então, quis saber como que funcionava e o que realmente acontecia, fora ver a reação das crianças. Fui surpreendida logo após o primeiro contato. O Joe é dócil, educado e muito carinhoso. A partir daí, a minha visão mudou. Criei um vínculo forte com ele e com o trabalho que realiza... que é algo magnífico, além de conseguir ver uma melhora significativa no quadro clínico da criança"* (DSC 3).

O profissional mostra-se preocupado com o bem estar da criança e faz uma reflexão positiva sobre a visita do cão no que se refere aos comportamentos que evidenciam esse bem estar.

*"Eu sempre viso à saúde e o bem-estar da criança e, com a visita do animal, ela tem a oportunidade de experienciar sentimentos e reações melhores em relação a tudo o que está vivendo, devido um tratamento longo, como o da quimioterapia... Acho que a presença do Joe faz com que a criança saia um pouco da lógica da doença, da dor e da tristeza. É gratificante saber deste tipo de terapia e poder apoiar para que aconteça na unidade em que atuo" (DSC 3).*

Os profissionais entrevistados percebem que se beneficiam com a presença do cão, especialmente por estarem sempre mais próximos da criança na realização dos cuidados.

*"Para a equipe, o ambiente se torna mais agitado pela presença do Joe, porém fica mais alegre e divertido. A vinda dele tem ótima aceitação de todos os profissionais, principalmente para o enfermeiro, que está no cuidado diário da criança e que compreende os medos e temores expressados por elas..." (DSC 3).*

Outro aspecto a considerar é a grande satisfação para o profissional ao ver que a criança está alegre e se divertindo em um momento tão crítico de sua vida.

*"É uma experiência excelente e muito gratificante quando consigo ver o Joe fazendo a alegria e a diversão das crianças nesse período mais crítico... isso me traz uma felicidade imensa, além do Joe conseguir mudar o jeito de se trabalhar ou encarar aquele dia" (DSC 3).*

A visita do cão representa um momento especial para o profissional, ao promover o alívio da tensão e do estresse diante das experiências difíceis que vivencia em seu cotidiano.

*"Às vezes, acontece o esgotamento profissional, por viver constantemente situações de perda de crianças das quais já me apeguei. E quando acontece à visita do cão na Quimioteca, muda-se um pouco essa perspectiva em relação a tudo o que está acontecendo, além de conseguir distração e interação com elas no cuidado do cachorro. O bem-estar e, também, o alívio da tensão e estresse acontece de forma natural, quando tenho o Joe brincando com as crianças ou me auxiliando no atendimento a ela. Pra mim, é um momento único e que eu adoro, posso simplesmente definir a minha experiência com o Joe em uma palavra... Fantástico!" (DSC 3).*

#### **4.4 Refletindo sobre a inserção da visita do animal na rotina da unidade**

Para o enfermeiro, a presença do cão na unidade não interfere em sua rotina de trabalho, auxilia-o no atendimento da criança, principalmente durante os procedimentos.

*"Posso afirmar que a visita do cachorro aqui na unidade, em termos de rotina, não me impede de realizar nada. (...) Ele ajuda no cuidado e no atendimento da criança, principalmente quanto à realização de alguns procedimentos... Às vezes, ela está ansiosa e com medo, mas com a presença dele (cão), acabam permanecendo mais tranquilas. (...) Quando o Joe está por perto, ela fica distraída brincando e acaba nem percebendo... Então, um procedimento que seria estressante para ambas as partes se torna totalmente diferente" (DSC 4).*

A visita do animal na unidade costuma ser tranquila e divertida para o enfermeiro, melhorando a interação entre os profissionais, as crianças e seus familiares.

*"O Joe é dócil, educado e respeita os nossos limites... Ele permanece quietinho, mesmo com a agitação das crianças em tentar acariciá-lo. Consigo sentir que o clima do ambiente fica mais agradável, alegre, divertido e agitado. Mas é exatamente pela presença dele e porque as*

*crianças querem logo chegar perto...Eu nunca tive nenhum problema durante a permanência do Joe. Pelo contrário, é um momento de maior interação entre os profissionais, as crianças e também os pais, já que estamos todos unidos em prol de um só causa, a recuperação da criança” (DSC 4).*

#### **4.5 Entendendo que a visita do cão é um diferencial para a instituição**

O enfermeiro percebe que a instituição é favorável à realização desta atividade em suas unidades, reconhecendo-a como um diferencial na assistência prestada em nosso meio.

*“Dentro de qualquer hospital, há diversos cuidados e precauções para barrar fatores externos que tragam danos aos pacientes. Entretanto, o GRAACC acredita que é possível acontecer a visita de um animal para a criança de forma segura, tornando-a como um grande diferencial da instituição... E os dias no hospital podem se tornar diferentes, alegres e divertidos. Essa estratégia lúdica que a instituição disponibiliza e que está sendo utilizada como auxílio no tratamento da criança, está trazendo bons resultados e só tende a crescer...” (DSC 5).*

A TAA é reconhecida pela enfermeira como uma estratégia genuína de humanização da assistência à saúde, além de possibilitar a vivência de novas experiências importantes para o desenvolvimento infantil.

*“Eu consigo enxergar a terapia com o animal como um ato de amor e de humanização na assistência direta a criança, permitindo-a viver novos sentimentos e novas experiências. (...) Então, a partir do momento em que a instituição dá abertura pra esse tipo de ação, isso faz com que haja uma mudança no jeito de se trabalhar e de perceber as crianças naquele dia, exatamente por permitir vê-las bem, se divertindo e passando uma energia positiva pra todos” (DSC 5)*

#### **4.6 Não reconhecendo benefícios para a criança na visita do cão**

Nem sempre a presença do cão é reconhecida pelo profissional como benéfica para a criança, não percebendo mudanças significativas no comportamento da criança diante desta prática.

*“Mesmo com o Joe na Quimioteca, eu não consegui perceber uma mudança no comportamento ou nas atitudes da criança frente a procedimentos que iria ser realizado... As crianças que não gostam do animal vão continuar não gostando, mas as que gostam vão acabar se divertindo e se interagindo melhor. Em relação a um procedimento específico e imediato, eu não acredito que a visita do Joe vá mudar o comportamento ou atitude dela” (DSC 6).*

### **5 Discussão**

Estudos apontam que ao se estabelecer o convívio da criança com o animal, os benefícios logo podem ser notados, pois ela torna-se capaz de criar um elo de cumplicidade, confiança, cuidado, proteção e segurança, havendo melhora significativa na sua qualidade de vida (Mendonça, Silva, Feitosa, & Peixoto, 2014; Chagas, Santos, Ivo, & Valença, 2009). Esses mesmos benefícios foram identificados também pelos enfermeiros entrevistados no presente estudo.

Um ambiente hostil e assustador, com diversos procedimentos dolorosos, como o hospital gera temor e ansiedade na criança (Reed et al., 2012). Os resultados deste estudo mostram que, para o enfermeiro, os sentimentos negativos são amenizados ao longo do tempo em que o cão permanece interagindo com a criança.



Vale ressaltar que esses benefícios nem sempre são percebidos pelos enfermeiros, como foi evidenciado no relato de um dos entrevistados. Entretanto, existe vasta literatura sobre os diversos benefícios desta prática, alguns já citados anteriormente, e outros, que merecem destaque. O animal proporciona à criança momentos felizes e divertidos, permitindo que guarde em sua memória apenas as boas lembranças da convivência com o cão (Vaccari & Almeida, 2007; Kawakami & Nakano, 2002; Klinger, 2004).

Um estudo realizado na Universidade de Tel Aviv evidenciou que, por meio do contato que as pessoas mantiveram com os animais (coelho, tartaruga) durante algumas sessões de TAA, obtiveram alívio da ansiedade e da tensão enquanto estavam acariciando os bichinhos de verdade. Porém, não foi possível verificar os mesmos efeitos com relação ao uso dos bichinhos de pelúcia (Mannucci, 2005). Ressalta-se, ainda, que a familiaridade estabelecida entre a criança e o animal é capaz de fazê-la desenvolver o instinto de responsabilidade para o cuidado do animal. A partir dessa experiência, ela passa também a reconhecer as necessidades que não são somente as dela. Existe um sentimento de cumplicidade e união entre eles, ao permanecerem juntos nas brincadeiras e nas atividades (Dotti, 2014).

A literatura mostra, também, que a criança consegue desenvolver-se intelectualmente a partir deste contato com o animal, e possíveis dificuldades relacionadas à memorização e concentração podem ser resolvidas a partir do estímulo oferecido a ela por meio desta atividade (Dotti, 2014; Flôres, 2009).

Sobre a pouca receptividade de alguns familiares em relação à TAA, percebida pelos enfermeiros deste estudo, ressalta-se que esta prática ainda é pouco divulgada e a permanência do animal em unidades pediátricas é vista como polêmica, perigosa e capaz de transmitir doenças. Entretanto, os animais escolhidos para realizar este tipo de terapia são devidamente treinados e higienizados, minimizando, assim, os riscos aos pacientes (Vaccari & Almeida, 2007; Bussotti et al., 2005).

Crianças em quimioterapia possuem imunidade comprometida, preocupando, de maneira significativa, os pais em relação ao risco de infecção, gerando apreensão pela presença do cachorro no hospital. Um estudo sobre o uso da TAA em uma unidade pediátrica mostrou que duas crianças não puderam manter um contato prolongado com o animal devido ao receio de seus pais quanto ao risco de adquirirem alguma doença (Vaccari & Almeida, 2007).

Contudo, outra pesquisa desenvolvida com cachorros, gatos, coelhos e outros animais em unidade pediátrica provou o contrário, mostrando que a imunidade de crianças em quimioterapia tem uma estabilização, principalmente em função dos benefícios trazidos por eles. (Paixão, Silva, Fonseca & Viana, 2007). O vínculo estabelecido entre criança e animal permite que ela se sinta mais segura e consiga se expressar melhor em relação ao que está sentindo e vivendo, proporcionando-lhe bem-estar (Bussotti et al., 2005; Mendonça et al., 2014).

As famílias de crianças com doenças crônicas empenham-se na busca da recuperação da saúde e da vitalidade de seus filhos (Souza MA, Melo LL, 2014). Lutam arduamente, em conjunto com a equipe de saúde, para que eles tenham as melhores opções para o enfrentamento do tratamento, que é longo e cansativo. Desta forma, aceitam que ações lúdicas e humanizadas da assistência, como a TAA, aconteça no âmbito hospitalar, no intuito de amenizar o estresse da criança. (Nicola, Freitas, Gomes, Costenaro, Nietzsche, & Ilha, 2014; Gomes, Erdmann, Oliveira, Xavier, Santos, & Farias, 2014; Marinelo & Jardim, 2013)

Para os profissionais entrevistados, a TAA é um método inovador, que pode ser utilizado a seu favor, especialmente em situações que demandem uma cautela maior, como nos procedimentos dolorosos. Diante disto, incentivam a visita do cachorro a unidade, pois ele atua como ligação entre a criança e o profissional, permitindo que o seu trabalho seja realizado com maior cooperação por parte dela. Achados muito parecidos foram encontrados na literatura (Mendonça et al. 2014; Civita & Muniz, 2008; Depianti, Silva, Monteiro, & Soares, 2014).

A experiência dos enfermeiros aponta que o cão terapeuta, utilizado na unidade de quimioterapia e consultórios médicos, tem o papel de auxiliar nos atendimentos a crianças e adolescentes, proporcionando a eles, suas famílias e equipe de saúde, a oportunidade de inclusão para um cuidado compartilhado (Mendonça et al., 2014; Gomes & Erdmann, 2005).

Segundo os enfermeiros do presente estudo, a TAA impacta positivamente no ambiente e, diferentemente do que podem pensar algumas pessoas, a presença do animal não interfere na rotina da unidade. A publicação de um relato de experiência reforça esse fato, ao descrever a situação em que o animal doméstico foi levado junto a sua "dona" que estava hospitalizada há alguns dias, através da solicitação do familiar e da própria enfermeira responsável pelo cuidado da criança. Apresentando-se insegura, triste e com saudades de sua cachorrinha, ficou completamente emocionada ao receber a visita do animal, demonstrando grande satisfação e felicidade (Bussotti et al., 2005).

É possível notar uma modificação no estado físico e emocional da criança ao abraçar e pentear o cão, aliviando o medo e a insegurança e reduzindo o choro em resposta ao desconhecido (Bussotti et al., 2005).

No presente estudo, o enfermeiro reconhece o seu papel como fundamental no sentido de propiciar e assegurar que ações como a TAA concedam à criança e ao adolescente a chance de experienciar o amor, o carinho e a cumplicidade que o animal consegue proporcionar.

## 6 Considerações finais

Os resultados deste estudo evidenciaram que a TAA, na visão da enfermeira, contribui positivamente para uma comunicação eficaz entre criança e profissional no processo de negociação diária. A criança demonstra felicidade e alegria ao permanecer ao lado do cão na quimioterapia, mantendo-se mais tranquila e colaborativa nos procedimentos dolorosos. Percebe, também, uma mudança significativa no clima do ambiente, que se torna mais divertido e descontraído.

Embora as famílias de crianças e adolescente em tratamento quimioterápico mostrem-se receosos em relação à TAA, devido à queda da imunidade, o enfermeiro reconhece sua atuação como fundamental para tranquilizá-los, ao orientá-los sobre os cuidados observados quanto à permanência do cão na unidade. Além do mais, a visita do cão possibilita momentos de interação da família com a equipe, propiciando um cuidado compartilhado.

O enfermeiro também identifica as vantagens da TAA para si próprio, obtendo bem-estar ao aliviar a tensão e o estresse gerados pelas situações difíceis vividas no dia-a-dia.

A presença do animal no ambiente hospitalar, evidencia-se como uma prática viável e que deve ser estimulada, sobretudo em função dos seus benefícios, destacando-se que o enfermeiro tem papel primordial na sua promoção.

**Agradecimentos.** Ao Grupo de Apoio ao Adolescente e à Criança com Câncer (GRAACC) e aos profissionais que participaram deste estudo, pela colaboração imprescindível na sua realização.

## Referências

- Azevedo, D.M., Santos, J.J.S., Justino, M.A.R., Miranda, F.A.N., & Simpson, C.A. (2007) O brincar como instrumento terapêutico na visão da equipe de saúde. *Revista Ciência e Cuidado em Saúde*, 6(3), 335-41. Recuperado em 16 Dezembro 2014, de <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/4018/2715>
- Bussotti, E.A., Leão, E.R., Chimentão, D.M.N., & Silva, C.P.R. (2005). Assistência individualizada: posso trazer meu cachorro? *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 39(2), 195-201. Recuperado em 30 setembro 2014, de <http://zip.net/bmpK3y>



- Chagas, J.N.M., Santos, A.M.T., Ivo, J.E.S., & Valença, T.R. (2009). Terapia ocupacional e a utilização da terapia assistida por animais (TAA) em crianças e adolescentes institucionalizados. *Revista da Crefito-6*. Recuperado em 26 outubro 2015, de <http://patastherapeutas.org/wp-content/uploads/2015/07/TO-e-adolescentes-institucionalizados.pdf>
- Civita, M. & Muniz, C.A.S.D. (2008) *Benefícios da terapia assistida por animais da espécie canina na saúde humana*. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade Metropolitanas Unidas – FMU, São Paulo.
- Mannucci, A. (2005). Fazendo amigos. *Scientific American Mente Cérebro*, 152. Recuperado em 24 de outubro de 2015 de [http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/fazendo\\_amigos\\_imprimir.html](http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/fazendo_amigos_imprimir.html)
- Depianti, J.R.B., Silva, L.F., Monteiro, A.C.M., & Soares, R.S. Dificuldades da enfermagem na utilização do lúdico no cuidado à criança com câncer hospitalizada. *Revista de Pesquisa em Cuidado Fundamental*, 6(3), 1117-27. Recuperado em 04 agosto 2014, de [http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3356/pdf\\_1367](http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/3356/pdf_1367)
- Dotti, J. (2014). *Terapia e animais: atividade e terapia assistida por animais – A/TAA: práticas para organizações, profissionais e voluntários*. São Paulo: Livrus.
- Figueiredo, M.Z.A., Chiari, B.M., & Goulart, B.N.G. (2013) Discurso do sujeito coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa qualiquantitativa. *Distúrbio Comum*, 25(1), 129-36. Recuperado em 30 setembro 2014, de <http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/14931>
- Flôres, L.N. (2009). *Os benefícios da interação homem-animal e o papel do médico veterinário* Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA. [citado]. Recuperado em 12 Nov 2015, de [https://www.equalis.com.br/arquivos\\_fck\\_editor/monografia\\_56.pdf](https://www.equalis.com.br/arquivos_fck_editor/monografia_56.pdf)[Porto Alegre]
- Garcia, A. (2000). O emprego de animais na terapia infantil. *Pediatria Moderna*, 36(1/2), 75-9. Recuperado em 22 julho 2014, de <http://zip.net/bwpKNZ>
- Gomes, G.C., & Erdmann, A.L. (2005). O cuidado compartilhado entre a família e a enfermagem à criança no hospital: uma perspectiva para a sua humanização. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 26(1), 20-30. Recuperado em 26 outubro 2015, de <http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4537>
- Gomes, G.C., Erdmann, A.L., Oliveira, P.K., Xavier, D.M., Santos, S.S.C., & Farias, D.H.R. (2014). A família durante a internação hospitalar da criança: contribuições para a enfermagem. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 18(2), 234-40. Recuperado em 26 outubro 2015, de <http://www.scielo.br/pdf/ean/v18n2/1414-8145-ean-18-02-0234.pdf>
- Gondim, S.M.G., Fischer T. (2009). O discurso, a análise de discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo na gestão intercultural. *Cadernos Gestão Social*, 2(1), 9-26. Recuperado em 30 setembro 2014, de <http://www.periodicos.adm.ufba.br/index.php/cgs/article/viewArticle/75>
- Juliano, R.S., & Fioravanti, M.C.S. (2009). Terapia assistida por animais (TAA): revisão para profissionais da saúde. In Malagutti W, Bergo AMA. *Adolescentes: uma abordagem multidisciplinar*. São Paulo: Martinari, p. 421-36. Capítulo 24.
- Kawakami, C.H., & Nakano, C.K. (2002). *Relato de experiência: terapia assistida por animais (TAA) - mais um recurso na comunicação entre paciente e enfermeiro*. Trabalho de conclusão de curso, Escola de Enfermagem -Universidade de São Paulo, Brasil. Recuperado em 06 agosto 2014, de <http://zip.net/bfsmjB>
- Ministério da Saúde. (2015). *Humaniza SUS: Política Nacional de Humanização*. Brasília, DF: Autor. Recuperado em 22 de outubro de 2015, de <http://www.saude.gov.br/humanizasus>
- Ministério da Saúde. (2013). Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. *Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Brasília, DF: Autor. Recuperado em

- 22 de outubro de 2015, de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- Picado, S.B.R., El-Khoury, R.N., & Strepco PT. (2007). Humanização hospitalar infantil: intervenções musicoterapêuticas no centro Clínico Electra Bonini. *Revista de Pediatria*, 29(2), 99-108. Recuperado em 16 dezembro 2014, de <http://meloteca.com/musicoterapia2014/humanizacao-hospitalar-infantil.pdf>
- Klinger, K. (2004). Pesquisas mostram benefícios do convívio com animais. *Folha de São Paulo*, 08 [cerca de 1p.]. Recuperado em 20 agosto 2014, de <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u3714.shtml>
- Kobayashi, C.T., Ushiyama, S.T., Fakh, F.T., Robles, R.A.M., Carneiro, I.A., & Carmagnani, M.I.S. (2009). Desenvolvimento e implantação de terapia assistida por animais em hospital universitário. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 62(4), 632-6. Recuperado em 28 setembro 2014, de <http://zip.net/bhplhw>
- Lefevre, F., & Lefevre, A.M.C. (2003). *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: Educs.
- Mannucci A. (2005). Fazendo amigos. *Scientific American Mente Cérebro*, 152, [3 telas]. Recuperado em 24 outubro 2015, de [http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/fazendo\\_amigos\\_imprimir.html](http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/fazendo_amigos_imprimir.html)
- Marinelo, G.S., & Jardim, D.P. (2013). Estratégias lúdicas na assistência ao paciente pediátrico: aplicabilidade ao ambiente cirúrgico. *Rev SOBECC*, 18(2), 57-66. Recuperado em 26 outubro 2015, de <http://zip.net/bwsmkD>
- Mendonça, M.E.F., Silva, R.R., Feitosa, M.J.S., & Peixoto, SPL. (2014). A terapia assistida por cães no desenvolvimento socioafetivo de crianças com deficiência intelectual. *Cadernos de graduações*, 2(2), 11-30. Recuperado em 26 outubro 2015, de <https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitsbiosauade/article/view/1372>
- Nascimento, L.C., Rocha, S.M.M., Heyes, V.H., & Lima RAG. (2005). Crianças com câncer e suas famílias. *Revista da Escola de Enfermagem USP*, 39(4), 469-74. Recuperado em 26 outubro 2015, from <http://zip.net/bpsm6m>
- Nicola, G.D.O., Freitas, H.M.B., Gomes, G.C., Costenaro, R.G.S., Nietzsche, E.A., & Ilha, S. (2014). Cuidado lúdico à criança hospitalizada: perspectiva do familiar cuidador e equipe de enfermagem. *Journal Res Fundamental Care Online*, 6(2), 703-15. Recuperado em 26 outubro 2015, de <http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5091148.pdf>
- Paixão, A.C.T., Silva, F.M.G., Fonseca, J.R., & Viana, V.E. (2007). *Estratégias de recreação implementadas e mediadas pela enfermagem durante o tratamento de crianças com leucemia* Trabalho de conclusão de curso, Faculdade Brasileira Univix, Brasil. Recuperado em 2015 Nov 10, de <http://zip.net/bbsmk4>
- Reed, R., Ferrer, L., & Villegas, N. (2012). Curadores naturais: uma revisão da terapia e atividades assistidas por animais como tratamento complementar de doenças crônicas. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, 20(3), [7 telas]. Recuperado em 22 julho 2014, de <http://zip.net/bxpl4R>
- Silveira, I.R., Santos, N.C., & Linhares, D.R. (2011). Protocolo do programa de assistência auxiliada por animais no hospital universitário. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45(1), 283-8. Recuperado em 20 setembro 2014, de <http://zip.net/bgpK2Y>
- Souza, M.A., & Melo, L.L. (2013). Sendo mãe de criança hospitalizada com doença crônica. *REME Revista Mineira de Enfermagem*, 17(2), 362-7. Recuperado em 04 agosto 2014, de <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/655>[Internet].
- Vaccari, A.M.H., & Almeida, F.A. (2007). A importância da visita de animais de estimação na recuperação de crianças hospitalizadas. *Einstein*, 5(2), 111-6. Recuperado em 30 setembro 2014, de <http://zip.net/bspLsX>